

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 47

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1300 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

O nosso julgamento

Realisa-se depois de amanhã! N'esse dia enverga o Pinto a veste de magistrado.

N'esse dia agarra o Pinto na vara de juiz.

N'esse dia senta-se o Pinto na cadeira presidencial.

E julga-nos.

Que impudencia!

O Pinto, que ainda não nos chamou aos tribunaes! O Pinto, que tem medo do jury, por conseguinte da prova, por conseguinte da verdade e da luz, por conseguinte da justiça!

Que impudencia!

Pinto não se eximiu honradamente a julgar-nos. Comtudo, nós temos accusado aqui cem vezes esse Pinto de calcar a justiça aos pés, arvorando em seu logar o odio, o rancor, a represalia, a vindicta!

Outro homem sahia. Pinto ficou.

Outro homem, ou não nos julgava, ou chamava-nos, antes, aos tribunaes.

Pinto não nos chamou aos tribunaes e Pinto vai julgar-nos.

Que impudencia!

Vae-nos julgar em nome da religião? Não. Vae-nos julgar em nome dos seus odios.

Não offendemos a religião. Altivamente o podemos dizer. Não offende a religião quem a trata como nós á luz da historia e á luz da sciencia. Falámos pela bocca dos historiadores. Falámos pela bocca dos sábios. Condemnar-nos, por isso, é condemnar toda a historia, é condemnar toda a sciencia, é condemnar toda a verdade. E' regressar aos tempos medievaes.

Um dos juizes, que nos vão julgar, já foi nosso companheiro n'essas luctas contra o retrocesso, contra a escuridão. Nós no *Povo de Aveiro*, elle no *Districto de Aveiro*. Foi em epochas melhores. Foi em dias de gloria para Aveiro. Comtudo, não dissémos então menos do que agora. Comtudo, a nossa propaganda anti-religiosa, fundada na sciencia, fundada na historia, feita sobre os melhores trabalhos scientificos e historicos do mundo, não foi então menor do que agora. E esse juiz, que nos vai julgar, acompanhou-nos e applaudiu-nos. Applaudiu-nos calorosamente, até.

Condemna-nos amanhã? Não. Seria condemnar-se a si proprio. Além de que um homem culto pôde condemnar declamações, mas não condemna uma propaganda d'erudicção e de verdade como a nossa.

Não. Esse juiz não se condena a si proprio. Não. O tercei-

ro juiz, que é um homem culto, não condemna a cultura, não condemna a verdade, não condemna a historia, não condemna a sciencia.

O que nos pôde condemnar então? Qual é o nosso perigo?

E' o rancor do Pinto. E' a represalia, é a vindicta! Queremos com isto dizer que os outros dois juizes sejam capazes de subscrever a esses sentimentos ruins?

Não. Mas não deixa essa vindicta de estar suspensa. Não deixa de ser um perigo. Registamos o perigo e nada mais.

Seja como fôr, d'essa tremenda immoralidade de presidir ao nosso julgamento o homem que aqui temos apontado como pouco escrupuloso no exercicio das suas funcções, ninguém salva o tribunal.

O homem que disse a uma testemunha abonatoria do nosso editor: «vá-se embora que tudo se passará como se o senhor estivesse presente», e que o disse de proposito para poder mandar prender esse editor.

Uma cilada!

Um ardil!

Um juiz, que arma ciladas aos réos!

Um juiz, que prepara ratoeiras para apanhar os delinquentes!

E que vai amanhã falar, a esse homem, a esse editor para quem elle perdeu toda a auctoridade moral, em justiça!

E o symbolo da justiça, a que elles todos, julgadores, hão de chamar amanhã, n'aquelle tribunal, o *symbolo augusto*, de fórmulas magestaticas, olhos fechados, balança e espada na mão, a presenciar aquella farça.

Farça, sim.

Farça!

Farça!

Farça!

Verdade, Consciencia, Justiça, nunca!

Nunca!

Nunca!

Tapar-nos esta bocca, não haveis de tapar. Impedir que por ella saia o grito sibilante da Verdade, não impedireis.

Diremos com mais força:

Farça!

Farça!

Farça!

Justiça, nunca!

Nunca!

Tuna Talábrica

Como prenociámos, realisou-se no passado domingo, no nosso Theatro, o sarau familiar promovido pela *Tuna Talábrica*. Foi um passatempo interessante que deixou agradaveis impressões a todos que a elle assistiram, e que mais uma vez veio provar que é merecida a consideração em que a Tuna é tida por quantos a conhecem.

A cholera na India

Dizem de Colonia que as noticias da India, asseguram que o cholera morbus alastra terrivelmente por toda a região.

Informações de varias partes, especialmente de Simla, são aterradoras, demonstrando que a epidemia adquiriu extrema gravidade.

A mortalidade assumiu proporções nunca vistas. O espectáculo é horrivel. Os cadaveres jazem abandonados em plena campina, sendo devorados pelos abutres e pelos cães.

Debaixo das arvores vêem-se grupos de homens, uns mortos e outros agonisantes, sem que ninguém cuide d'estes nem enterre os mortos.

Calcula-se em 6 millhões de homens que estão morrendo de fome. As auctoridades inglezas nem para um milhão dão soccorros.

Eis o funebre cortejo que hoje desola as colonias inglezas: *fome, peste, guerra*.

A guerra na Africa, contra os heroicos boers, a fome e a peste na India...

Terrivel incendio

Declarou-se um incendio nas dokas do Llody da Allemanha do Norte. Começou nos fardos de algodão do deposito n.º 3 e estendeu-se a outros armazens da mesma Companhia. Entre as mercadorias incendiadas, havia numerosas pipas d'oleo.

Os bombeiros de Noboken, que accudiram logo, não puderam deter os progressos do incendio. Foram enviados vapores com material de incendio para coadjuvar os bombeiros.

O fogo pegou a tres vapores de descarga. Foram logo rebocados para Nova-York. Também tiveram de se pôr em seguro os transatlanticos *Emperour Guillaume-e-Grand*, *Main-et-Saale* e *Bremen*, estes tres ultimos em chamas.

Todos os armazens da Allemanha do Norte ficaram destruidos. Arderam cinco grandes depositos de cinco andares, e o incendio lavrou assustadoramente.

O rio está atulhado de pequenas embarcações.

Não se sabe ao certo o numero de pessoas mortas, mas fala-se n'umas trezentas, aproximadamente, umas abrazadas, outras afogadas. Entre estas, o maior numero são mulheres e creanças.

Todos os caes e docas estavam atulhados de gente.

Os prejuizos, orçados por largo, andam por vinte millhões de dollars.

Cartas d'Algures

5 DE JULHO.

Terceira carta:

Meu amigo.

«Lá vai a terceira carta promettida. Depois falará v. E eu que estou ansioso por o ouvir!»

Diga-me: em que situação fica um cidadão que acompanha intimamente, e que intimamente vive com elle, em que situação fica o cidadão que acompanha o ladrão dos porcos, das gallinhas, das aboboras, do milho, do feijão e das flores, o assassino dos proprios filhos, o envenenador dos animaes domesticos dos visinhos e dos inimigos, a fera bestial que, por vingança, vai esfaquear as porcas e os burros e tirar os olhos aos carneiros, o infamissimo pulha que faz das ruas gestos indecentes ás senhoras que assomam ás janellas, quando essas senhoras são casadas com individuos que lhe desagradam, o nojentissimo canalha que manda, pela porqueira vil, ladra, suja, condemnada pelos tribunaes como uma coisa asquerosa, esse ente abjecto a que uma indecentissima canalha aqui dá fóros de cidade, que manda por essa porqueira, por essa rameira, por essa ladra, por essa bebada de pé sujo e rachado, agarrar creanças á rua para cevar n'ellas instinctos bestiaes, o desavergonhadissimo garoto que vai de noite partir os vidros das vidraças e escrever obscenidades ignobeis nas portas e paredes das casas dos individuos que não lhes são sympathicos, o bebedor réles que depois de ter os ôdres cheios de vinho vai vomitar vinhos e improperios sobre a honra e dignidade de toda a gente, o repellente covarde que faz das notas do Banco de Portugal o vehiculo das suas infamias, em que situação, pergunto, fica um cidadão que priva com este bandido?

Digam. Dizei todos, vós que o admittis em intima sociedade. Falae. A isto vos intimámos preeptoriamente. E' um homem de bem o companheiro intimo, seja este quem fôr, d'esse infame? Pôde-o ser? Admitte-se que o seja?

Andae, miseraveis, que julgaveis ter emudecido o órgão mais veemente da opinião publica em Aveiro.

Não faltará quem diga, sr. redactor, que tambem v., que tambem o *Povo de Aveiro*, foram solidarios com esse bandido. Nunca. Desde já eu o garanto, sem precisar de procuração de v. para o fazer. Nunca. Os miseraveis podem dizer todas as calunnias, todas as mentiras, todas as infamias, que outro não é o habito, nem a missão nem o officio de todos os miseraveis. Nunca. Dizer é uma coisa, provar é outra. Nunca. Na redacção d'esse periodico foram successivas vezes rasgadas as correspondencias que o infame para lá enviava de varios pontos do districto de Aveiro e nas quaes satisfazia os seus infamissimos instinctos, tentando enxovalhar e deprimir todos aquelles que lhe desagradavam. Nem uma só letra d'esse bandido o *Povo de Aveiro* publicava ha muitos annos, embora elle tentasse o contrario. E por isso systematicamente tinha sido afastado da minima participação na vida d'esse semanario, que, aliás, precisava e precisa de auxilios materiaes para viver.

Nem uma só vez o redactor principal do *Povo de Aveiro* se encontrava com elle lhe não increpasse directamente os actos ignobeis por elle commettidos e que o não exhortasse a mudar de vida. Muita gente em Aveiro conhece esse facto.

Ainda o anno passado aquelle cavalheiro, a proposito d'uma canalhice commettida n'uma associação de recreio pelo bandido, lhe disse violentamente que só n'estes sitios se tolerava um salteador como elle. Que, n'ontra terra, teriam feito a justiça precisa para o metter n'uma Penitenciaria, onde elle devia estar ha muito, ou que lhe teriam tirado a vida.

Isto foi exactamente assim. Isto foram palavras textuaes e dictas em tom de indignação, embora o malandro procurasse adular os sentimentos d'aquelle cavalheiro dizendo que o que fizera fóra por odio ao jesuitismo, porque se tratava d'uma festa jesuitica.

Quando elle praticou um roubo indecente, ha dez annos, o *Povo de Aveiro* nem negou o roubo nem passou ao bandido carta de innocencia. Limitou-se a attenuar as responsabilidades do gatuno chamando-lhe *louco e bebedo*, capaz de todos os desatinos em momentos de embriaguez.

São palavras textuaes. Quem duvidar que vá vêr, que o *Povo d'Aveiro* ahi está.

Teve v. para com elle uma certa benevolencia expectante e isso só prova a seu favor. Desde que a sociedade não só o tolerava, não só o permittia, como o aceitava muito alegremente, não queria você, pelos servicos prestados ao grupo republicano quando este surgiu, e não a v., que não lhe devia, pessoalmente, favores nenhuns, não queria v. tomar a iniciativa de lhe pôr uma grillheta ao pé.

Mas repudiava-o. Mas estigmatizava-lhe as infamias. Mas nunca consentiu que elle na sua presença infamasse fosse quem fosse, porque a falta de auctoridade n'aquelle bandido era tal que a consciencia de v. revoltava-se contra elle, até quando o via prejudicar festas que lhe não eram sympathicas pelos intuitos que a ellas presidiam ou pelas pessoas que n'ellas entravam, como essa a que acabámos de nos referir.

E o pulha não gostava, como todos aqui sabem. O pulha mordida-a, o pulha enchia-se d'odio, mas calava-se, porque teve sempre o tacto do julgar, e bem, que só v. seria capaz de o atirar de pernas ao ar.

Tanto isto é verdade que logo que lhe pareceu que teria ensejo para se vingar impunemente d'esses velhos odios reservados e accumulados, por v. e outro amigo seu e do *Povo de Aveiro*, o tal que ainda ultimamente ameaçou esbofetear-o, como referimos na carta anterior, lhe estigmatizaram as infamias, desatou a escoicear e a morder, que outro motivo não houve para o que elle está praticando.

Que influencia teve v. e que influencia teve esse outro seu amigo e nosso nos negocios de F.? Que responsabilidade tem v. e que responsabilidade tem aquelle, que passaremos a citar com a inicial M., no resultado d'aquelles negocios? Que o tratante se queixasse de F. e barafustasse contra elle, ainda se comprehedia, embora sem razão, porque, quem tem negocios e não os fiscalisa nem olha por elles, não tem direito algum a queixar-se d'outrem. Mas vá lá. Até ahi comprehende-se. O que não se comprehende, o que não se admite, o que é revoltante e infame é que a proposito d'isso se faça o descredito contra um homem, n'uma propaganda persistente, com perigo dos seus interesses, a titulo d'esse homem ser parente do outro, e para vingar agravos e satisfazer rancores accumulados e recalcados.

E ha miseraveis que toleram isto!

V. e M. levavam o espirito de justiça até impôr silencio ao infamissimo gatumo, falando lhe violentamente, mesmo quando elle praticava infamias contra as pessoas com quem nem v. nem M. sympathisavam. E então dizia-se elle vosso amigo, parecia sê-lo e havia motivos poderosos, como era esse do auxilio prestado ao nascente grupo republicano, em tempos, para que v. e M. o tolerassem.

M. ainda ha bem pouco tempo lhe impoz silencio n'uma casa publica, onde as baloasiras do pulha o revoltaram.

Agora o gatumo dos animaes domesticos, das aboboras, do milho, dos feijões e das flores do jardim grita deante de um policia que ha de praticar contra M. cobras e lagartos e o commissario de policia contenta-se com a declaração do policia, declaração falsa ao minimo exame, de que não ouvira nada. Agora o obscuro garoto que faz gestos indecentes ás senhoras casadas com homens com quem não sympathisa, o pornographico mariola que manda pela presidencia ignobil que tem em casa agarrar á rua raparigas indefesas e pedintes para cevar n'ellas instinctos de porco bravo, a fã a que depois de eninar um filho a ser ladrão o expulsa de casa e o mata á fome quando a policia o agarra como vadio e li'o restitue, o espantoso abortivo que arranca olhos aos carneiros e dá facadas nas porcas e nos burros pertencentes aos seus inimigos, o repellente envenenador das gallinhas dos visinhos, o pelintrao sem nome que vae escrever obscenidades e sujar as portas d'aquelles com quem embirra, isso cuja camaradagem seria a vergonha do ultimo dos pulhas, isso cuja convivencia seria repellido por um grilheta, diz improperios e infamias contra um homem que terá cometido erros e fraquezas mas que nunca commetteu uma só, **UMA SO** indignidade, e que é incapaz de se commetter, contra um homem que se elevou pelo trabalho, contra um homem de iniciativa e que pela sua iniciativa, pelo seu trabalho, pela sua habilidade, pelo seu amor ao progresso, á civilização, á democracia se enfileirou sempre ao lado dos poucos que tem procurado erguer o nivel intellectual, moral e material do paiz em geral e de Aveiro em particular, e quando este homem se dirige aos espectadores do salafario perguntando-lhes o que ouviram em seu desabono para liquidar responsabilidades nos tribunaes recebe em resposta, **que não ouviram nada.**

A tamanha baixeza, a tamanha degradação chegou esta terra, que os burguezes ricos, os *homens honrados*, os *cidadãos pacificos*, os *ditos dignos* dirigentes da sociedade local, não só privam com o ente asqueroso que ali fica largamente definido, como são cúmplices d'elle, protegendo-o. E são os *homens honrados*! E enchem a bocca com a sua honradez!
Arre, pulhas!
Arre, malandros!
Apoiado, apoiado.
Mas venha outra carta. Exigimos a quarta. Ouviu? Exigimos.
E depois falaremos nós.
A. B.

Commissões

Foram no domingo a Agueda de visita ao ex.^{mo} sr. Conde Alvaro de Mello, ex-governador civil d'este districto, agradecer os importantes serviços que s. ex.^a prestou a esta cidade, os seguintes srs.:

Dr. Antonio Carlos Mello Guimarães, visconde da Silva Mello, Gustavo Ferreira Pinto Basto, dr. Joaquim de Mello Freitas, dr. Joaquim Simões Peixinho, Carlos da Silva Mello, Domingos Leite, Luiz da Silva Mello Guimarães, João Pedro Soares, Manuel Gonçalves Netto, Francisco da Silva Rocha, João dos Santos e Silva, padre Bruno Monteiro Telles dos Santos, João Bernardo Ribeiro Junior e Manuel Homem de Carvalho Christo.

Matilha Santa

Foi d'esta cidade muita gente assistir aos sumptuosos festejos que os conimbricenses organizaram em honra da Rainha Santa.

Nós, que não corremos a foguetes, porque não achamos atractivo algum ao estouro de meia duzia de bombas desde que morreu o pyrotechnico Zé Baixinho, fi-amos por cá á espera dosromeiros.

Tóros de pinheiro

Desde 1 de janeiro até 31 de maio findo, foram exportados tóros de pinheiro, pesando 23:400 toneladas, sendo 17:880 toneladas pela barra do Douro e 5:520 toneladas pelo porto de Leixões. Em todo o anno de 1899 a exportação foi apenas de 5:765 toneladas. Por estes dados se avalia o incremento que ultimamente tem tomado a exportação de pinheiros em bruto.

Aviso

Não esqueça: que no dia 31 do corrente cessa a circulação e validade das moedas de prata de 50 e 100 réis e em 31 de agosto a das notas de 500 réis actualmente em giro.

Findos estes prazos, tudo aquillo será considerado sem valor.

Festividade

Tem hoje logar a pomposa festividade de *Corpus Christi* na freguezia de Nossa Senhora da Gloria. Além do culto interno, sahe de tarde a procissão, que percorre as principaes ruas da freguezias. Assiste a este acto a reputada orchestra do nosso amigo sr. João Pinto de Miranda.

Esta festividade é uma das mais imponentes que se faz n'esta freguezia.

EXCURSÃO A BRAGA

Conforme noticiámos, realisonou-se no domingo passado a excursão a Braga, promovida por um grupo de graphicos portuenses, em que se encorporaram 1:140 excursionistas:

Eis como a descreve o nosso presado collega *O Norte*:

Effectnou-se ante-hontem a excursão a Braga promovida por um grupo de graphicos em beneficio do cofre de pensões da sua associação.

A's 6 horas da manhã de domingo largava da estação de Campanhã, em direcção á cidade dos arcebispos, um comboio composto de 19 carruagens, conduzindo 1:140 excursionistas.

A' partida, a banda de musica da Foz fez ouvir o hymno dos trabalhadores, o qual foi saudado com bravos e palmas.

Durante o percurso até á Trofa, uma comissão de bombeiros voluntarios composta dos srs. Jorge Campos, Santos Niz, Delfim Pacheco, Barros Lima e Amadeu Arroyo pediu esmolas para os seus tuberculosos, angariando a quantia de 12\$900.

Na Trofa houve uma demora de 20 minutos por causa do atraso dos comboios de Vianna e Braga, que conduziam grande numero deromeiros para S. Torquato, em Guimarães.

Quando o comboio dos excursionistas chegou áquella estação já alli estava formado o que devia levar osromeiros, e por a gual que as muitas carruagens de que era composto estavam quasi cheias e ainda um ou dois wagons de carga, descobertos, denominados LL, nos quaes muita gente tomou logar por o não ter nas carruagens.

Quando o comboio excursionista abalou, notava-se uma grande confusão entre a grande massa deromeiros, ouvindo-se vozes de protesto por falta de material que podesse com portar toda aquella gente.

Em Nine houve tambem alguma demora, que varios excursionistas aproveitaram para colher ramaria com que enfeitaram as carruagens.

Posto o comboio em movimento, assim enfeitado, lá se foi arrastando, algo vagaroso até Braga, onde chegou com um atraso de 35 minutos.

Na estação de Braga estavam esperando os seus collegas portuenses os graphicos d'aquella cidade, o sr. Manuel da Silva Braga, 1.^o commandante dos bombeiros voluntarios da localidade, Antonio Maria Pinheiro Braga, 1.^o patrão e ainda alguns graduados que déram as boas vindas aos visitantes.

Uma banda de musica fez ovi- um hymno e por vezes saltaram-se reciprocos vivas aos graphicos do Porto e Braga, ás duas cidades, á liberdade, etc. etc.

Notou-se que na gare e seus arredores estacionava um crescido numero de guardas civis.

Fóra da estação estava muita gente aguardando a chegada dos excursionistas.

Apoz a chegada organisou-se o cortejo, indo á frente a musica da cidade, seguindo-se os graphicos com a

bandeira que d'aqui levaram, indo no conce a banda de musica da Foz com bandeira, tocando a intervallos o hymno do 1.^o de Maio.

O cortejo seguiu pela rua Nova de Sonza para o largo de Santo Agostinho, onde está estabelecida a Associação de Soccorros Mutuos Funebre Familiar Bracarense, um vasto edificio, n'uma das salas do qual ha um pequeno theatro a que déram o nome de *Theatro Tuborda*.

Foi alli que se effectnou a festa de confraternização entre os operarios do Porto e Braga, sob a presidencia do sr. José Miguel Pereira Guimarães, typographo bracarense, convidado para aquelle cargo pelo sr. Mathias d'Azevedo, presidente da Liga das Artes Graphicas d'esta cidade, que lhe serviu de secretario com o sr. Miguel Maria Rebello.

Trocadas affectuosas saudações entre os dois grupos graphicos, representados alli pelas suas respectivas commissões e por quantos se lhe aggregaram executou se o seguinte programma, de ante-mão confeccionado:

- 1.^o, *Discurso*, por Mathias d'Azevedo;
- 2.^o, *A Idéia Nova*, poesia de Bolhão Pato, por Henrique de Macedo;
- 3.^o, *O Fiel*, poesia de Guerra Junqueiro, por Ricardo Mimoso;
- 4.^o, *Discurso*, por Carlos de Vasconcellos;
- 5.^o, *Fraternizando*, palavras de confraternização, por Henrique de Macedo;
- 6.^o, *O Estudante Alsaciano*, monologo por Teixeira Pinto, oferecido aos graphicos de Braga;
- 7.^o, *Fatalidades*, monologo, por Camillo da Cunha Moura.

Finda a sessão houve completa debandada, indo uns para S. João da Ponte, outros para o Bom Jesus e ainda outros para o Saneiro, bivacando á sombra das verdejantes arvores.

Na cidade ficaram aquelles enfeitados exigentes reclamavam pronta refeição.

Esses invadiram os hotéis onde agido nos consta, foram tosquoados e valer.

E a proposito citaremos o seguinte e recentissimo caso:

As auctoridades de Vigo tomaram as necessarias providencias para que os hospedes não fossem explorados; pois em Braga parece que se não déram ordens, ao contrario; deixaram os hotelleiros em plena liberdade, visto que exigiram pelas suas viandas preços exaggeradissimos.

No Bom Jesus, para onde foi a maior parte dos graphicos, improvisavam-se animados comícios, em que se falou á vontade, pois que não estava lá a policia para soffrer as palavras que podessem desprestigiar o existente.

Os bombeiros voluntarios do Porto e os seus collegas de Braga almoçaram no hotel Jacintho, onde foram alvo de uma manifestação feita pelos graphicos das duas cidades, sendo por essa occasião levantados calorosos e entusiasticos vivas aos bombeiros voluntarios, ás Ligas das Artes Graphicas, ao Porto, a Braga, etc.

A's 7 horas da tarde, quando os excursionistas reg essavam dos arredores para a cidade, es a adquiriu um movimento extraordinario. Pelas ruas viam-se numerosos grupos cantando:

loucos para servirem Cedric só tu teus a habilidade de lhe tornar a loucura agradável. Pois vae dizer-lhe que nem por affeição nem por medo Gurth o servirá por mais tempo. Elle pôde mandar cortar-me a cabeça, agouitar-me ou carregar-me de ferros,—mas d'ora ávante nunca mais poderá obrigar-me a estimal o ou a obedecer-lhe. Vae, pois, e diz-lhe que Gurth, filho de Beowulph, renuncia ao seu serviço.

— Não, respondeu Wamba, apesar de ser doido com certeza me não encargo de um recado tão insensato. Cedric ainda tem outro dardo no cinto e tu sabes que elle poucas vezes erra o alvo.

— Pouco me importa, tornou Gurth, que elle me tome a mim por alvo brevemente. Hontem não fez caso de Wilfredo, meu joven

O' Julia, ó Julia, ó Julia, Que é, que é, que é, Se quizeres dançar, ó Julia Has-de pôr aqui o pé.

e muitas outras variantes. Na Arcada não se cabia e os cafés encheram-se.

O commandante dos bombeiros voluntarios convidou os seus camaradas do Porto e alguns membros da imprensa a ir visitar o seu quartel.

Quem escreve estas linhas teve occasião de apreciar a boa ordem e o accio que alli se nota.

O material que consta de duas excellentes bombas, um carro de material e uma escada *magirus*, está perfeitamente conservado.

Na arrecadação ha 30 fardamentos completos para outros tantos bombeiros.

Esta benemerita corporação, imitando a sua congénere do Porto, iniciou uma campanha humanitaria a favor dos tuberculosos, soccorrendo actualmente com es donativos que tem angariado, 14 d'aquelles infelizes.

Bem haja a briosa e humanitaria corporação.

O sr. Antonio de Brito Pereira de Rezende, gerente da Companhia carris e ascensor do Bom Jesus, ce-deu generosamente uma carruagem para a condução da banda marcial da Foz, ao Bom Jesus e vice-versa, o que é digno de todo o elogio.

Regresso ao Porto

A's oito horas da tarde principiou a ser invadida a estação por individuos que, mais precavidos, quizeram tomar logar nas carruagens.

Fizeram elles muito bem, pois que á ultima hora, houve uma confusão enorme, sendo muito difficil encontrar-se logar, pois que no comboio não vieram mais do que aquelles que foram; mas o certo é que nos compartimentos onde apenas ha 12 logares, vieram 14 e em alguns 17.

Na primeira paragem restabeleceu-se um pouco a ordem, desavolu-mando se os compartimentos mais sobrecarregados, pois que os passageiros que estavam a mais poderam tomar logar em outras carruagens, onde a agglomeração era menor.

A não ser o encommodo resultante do facto acima referido, nenhum outro houve digno de menção ou que perturbasse a franca alegria que sempre reinou entre os excursionistas.

A' chegada ao Porto que foi á meia noite, a banda da Foz tocou o hymno 1.^o de maio. Foram dados vivas aos graphicos, ao grupo promotor, á cidade do Porto, ao povo trabalhador, etc., etc. seguindo-se a debandada geral, indo cada um para sua casa recuperar o sono perdido na noite antecedente.

Falta de peixe

Tem-se sentido bastante no nosso mercado a falta de peixe, tanto da ria como do mar. Algum que apparece é cotado por bom preço. As classes menos abastadas é que soffrem, porque têm de se sujeitar ao bacalhau, e este mesmo ruim.

Felizmente na sexta-feira o mar já produziu algum peixe, o que abasteceu um pouco o nosso mercado.

amo, banhado no seu proprio sangue; hoje quiz matar á minha vista a unica creatura viva, além de Wilfredo, que me tem mostrado affeição Por Santo Edmundo, S. Dunstan, S. Witholdo, Santo Eduardo confessor e todos os mais santos saxões do calendario (porque Cedric nunca jurava senão pelos santos de raça saxonica e todos os seus servos o imitavam n'essa devoção restricta), nunca lhe perderei!

— Quanto a mim, disse o bobo, que fazia muitas vezes o papel de apaziguador, nosso amo não tencionava fazer mal a Fangs, mas só de o atemorisar; porque, como devés ter observado, elle levantou-se nos estribos, como para mostrar que visava por cima do alvo; e se o cão não desse um pulo justamente n'esse momento, não poderia

— Nem eu, nosso tio, disse Wamba, e receio muito que tenhamos de pagar ao gaiteiro...

— A minha opinião, disse Athelstane, que ficara bem impressionado com a boa cerveja do abba-de (Burton era já notavel por esta bebida generosa), a minha opinião é que fariamos melhor em voltar-mos para traz e ficarmos com o abba-de até á tarde. Quando se encontra no caminho um frade, uma le-

bre ou um cão a uivar é mau fazer jornada antes de ter passado a refeição mais proxima.

— Vamos para a frente! disse Cedric com impaciencia; o dia já vae adeantado para o que temos de andar. Quanto ao cão, eu conheço-o: é o d'esse maroto de Gurth e um desertor inutil como seu amo.

Dizendo isto, e levantando-se ao mesmo tempo nos estribos, Cedric, irritado com a demora da partida, arremessou um dardo ao pobre Fangs,—porque era Fangs que, tendo seguido a pista do porquenho, a havia perdido e agora pateava a seu modo a sua alegria por tel-o encontrado. O dardo feriu o animal n'uma espada e por um triz não o cravou no chão; Fangs fugiu para longe do thane furioso, dando latidos dolorosos. Gurth sen-

tiu confranger-se-lhe o coração no peito; porque a morte projectada do seu fiel companheiro magoou-o muito mais do que o mau tratamento que elle proprio recebera. Tendo em vão tentado levar a mão aos olhos, disse a Wamba, que, vendo seu amo de mau humor, se afastara d'elle prudentemente:—Peço-te que me limpes os olhos com uma ponta da tua capa; a poeira incommoda-me, e estes laços não me deixam mexer os braços de modo nenhum.

Wamba prestou-lhe o serviço solicitado e caminharam um ao lado do outro por algum tempo, durante o qual Gurth guardou um sombrio silencio. Por fim não pôde conter o seu resentimento por mais tempo.

— Amigo Wamba, disse elle, de todos aquelles que são bastanta

VOZES DE VIUVAS

VOZES DE VIUVAS

Memento! Chove sangue!... A alma está de lucto!
Veio o Crime, de rôjo, á frente dos sicarios
Com a fome voraz de sanguinario bruto,
E devorou a Ileiã, e profanou sacraríos!
Rasgou-se o veu do Templo... e a Alma está de lucto!

O' vós que ides passando, ouvi os nossos gritos...
Somos as vossas mães, a luz da vossa infancia,
E vós, peitos de fêra, e vós, filhos malditos,
Enterraes-nos no horror d'esta espinhosa estancia,
Onde ha fontes de pranto, e fructos de granitos...

No roteiro da Vida, asperrimo e penivel,
Só nós, pilotos leaes, salvamos dos recifes
A nau do Pensamento, obreiro do Intangível;
Ao qual, ingrata gente, haveis formado esquifes
Com as taboas da Lei, e os pregos do Infallível.

Fizemos, com paixão, novenas de carinhos
Como reza um devoto o seu piedoso terço,
E vencemos, chorando, os vendáveis damninhos
Sentinellas da Morte, a pragu-jar o berço...
E agora sois dragões, ó mansos cordeirinhos!

A tunica infantil já vae jogada aos dados,
E fostes, mundo fóra, ingratos filhos prodigos,
Confiando o patrimonio aos ímpios scelerados
Que vos dêram em troca a escravidão dos codigos,
E para nos matar... Fizeram-vos Soldados!...

Angelina Vidal.

Conto popular philosophico

D'uma vez um rei foi passear.
N'uns campos que ficavam fóra da cidade real encontrou um homem a cavar, com muito afan.

Estava-se em julho e fazia um calor de rachar e o homem, trabalhando, estava exposto ás ardensias do sol.

O rei perguntou-lhe se ganhava muito, visto que se deixava estar ao sol—um sol de julho, muito abrasador.

Elle respondeu-lhe que só ganhava um tostão.

O rei ficou admirado, e mais admirado ficou quando o trabalhador lhe disse: que com aquelle dinheiro vestia cinco filhos, sua mulher e seus velhos paes, que pagava dividas e punha dinheiro a juros.

O rei, como é provavel, admiradissimo perguntou-lhe como é que podia pagar dividas e pôr dinheiro a juros, além de se sustentar, vestir e fazer o mesmo á familia.

E elle respondeu-lhe:—olhe, sr., pago dividas porque sustento meus velhos paes que me dêram de comer em pequeno e me educaram, e pouho dinheiro a juros, sustentando meus filhos, educando-os, para quando eu fór velho me fizerem o mesmo que eu agora faço a meus paes.

O rei, dando-se a conhecer, disse-lhe:

—Olhe que tu não contes a ninguém o que me acabas de dizer sem veres o meu rosto 180 vezes; com pena de morte, se fizeses o contrario.

O trabalhador, assustado, res-

pondou-lhe que sim, que fosse Sua Magestade descansado que não dizia nada a ninguém.

Chegando ao palacio mandou reunir a sua côrte e disse: que aquelle a quem calhasse a sorte havia de lhe dizer, no fim de 3 dias, como é que um homem, ganhando unicamente um tostão, se podia sustentar e vestir e fazer o mesmo a cinco filhos, pae, mãe e mulher, pagar dividas e pôr dinheiro a juros. Disse mais: que, se adivinhasse, lhe dava sua filha em casamento, e se, pelo contrario, não resolvesse o problema soffreria a pena ultima.

Deitou-se a sorte e esta tocou a um conde, (que por signal era o namorado da linda princeza).

O conde vagueou dois dias e ao terceiro, o ultimo do prazo marcado pelo rei, por sorte, encaminhou seus passos para o lado onde andava o trabalhador. Vae elle, pergunta-lhe se lhe podia dizer como é que um homem, ganhando apenas um tostão por dia, se podia sustentar e vestir, fazer o mesmo a cinco filhos, pae, mãe e mulher, pagar dividas e pôr dinheiro a juros. O trabalhador disse-lhe que sim, que sabia.

Ora o conde ficou muito contente e muito apressado perguntou-lhe como.

O trabalhador contou-lhe a ameaça do rei, e que tinha muito amor á vida e que portanto não dizia nada.

O conde pegou n'uma saquinha cheia de moedas de ouro, abriu-a e tirou uma, amostrou-a ao trabalhador e perguntou-lhe se conhecia aquelle senhor gravado na moeda.

—Que sim, que conhecia, respondeu o trabalhador.

—Pois então conta as que ahí

manda e sobre a oportunidade que tinham os saxões opprimidos para se libertarem do jugo dos normandos, ou pelo menos para se elevarem em consideração e independencia durante as convulsões civis que provavelmente iam produzir-se. Era um assumpto em que Cedric tomava sempre grande calor. O restabelecimento da independencia da sua raça era o sonho idolatrado do seu coração, ao qual sacrificara de boa vontade a sua felicidade domestica e os interesses de seu filho. Mas para realizar essa grande revolução em beneficio dos naturaes do paiz, era necessario que estes se rennisssem entre si e trabalhassem sob a direcção de um chefe reconhecido. A necessidade de escolher esse chefe entre os saxões de sangue real não era só evidente de si mesma, mas

fôra uma condição solemne imposta por aquelles a quem Cedric havia confiado secretamente os seus planos e esperanças. Athelstane tinha pelo menos essa qualidade; e comquanto possuísse poucos dotes mentaes ou talentos que o recomendassem para chefe, tinha uma bella presença, não era medroso, fôra habituado aos exercicios militares e parecia disposto a seguir as opiniões de conselheiros mais avisados que elle. Sobretudo, era conhecido pela sua liberalidade, hospitalidade e bom caracter.

Comtudo, quaesquer que fossem os direitos de Athelstane a ser considerado cabeça da liga saxonica, muitos inclinavam-se a preferir-lhe os de lady Rowena, que descendia de Alfredo o Grande, e cujo pae fôra um guerreiro afamado pela sua prudencia, coragem e generosidade.

—Então? então? já sabes?

—Saiba Vossa Magestade, que sim, e começo a dizer-lhe o que o trabalhador lhe contára.

—Bem, é escusado acabar, disse-lhe o rei todo irado; já sei o resto.

E fazendo-se acompanhar de um carrasco e soldados, foi ao monte, em procura do trabalhador.

Assim que o viu, acercou-se d'elle e disse-lhe:

—Homem vil, assim ousaste offender a minha dignidade real, quebrando o juramento que me tinhas feito,—pois prepara-te para morrer.

O trabalhador, sem perder o animo, respondeu-lhe:

—Como Vossa Magestade me tinha dito que não dissesse a ninguém o segredo sem primeiro vêr o seu real rosto 180 vezes...

E tirando a saquinha do bolso, abriu-a e despejou-a em cima do chapéu.

O rei, vendo que não tinha a fazer nada, retrocedeu e veio-se embora.

E' escusado dizer que o conde hoje é príncipe, porque casou com a princeza.

E vivem hoje n'um lindo palacio rodeado de longos parques. O trabalhador é hoje o seu mordomo-mór e os seus filhos o sequito do príncipe.

(Recolhido da tradição oral nas Terras da Maia, suburbios do Porto no anno de 1899.)

Gonçalves Dias.

Governador civil

Para o cargo de governador civil do districto, vago pela exoneração do sr. Conselheiro Albano de Mello, foi nomeado o par do reino dr. Ernesto de Sousa Pinto Basto, que tomou posse na passada terça-feira.

Universidade feminina

O imperador da Russia acaba de decretar a fundação de uma universidade de mulheres em Moscow, que terá o titulo de Curso superior para mulher, como o que já existe no mesmo genero em S. Petersburgo.

Artistas portuguezes premiados na exposição de Paris

Alfredo Keil foi condecorado com a medalha de cobre, pelas suas miniaturas. Couberam medalhas de bronze aos artistas Brito, Carneiro, Cunha, Loureiro, Alberto Pinto, Ramos e Rodrigues.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

de, sendo ainda a sua memoria grandemente honrada entre os seus opprimidos compatriotas.

Não teria sido difficil a Cedric, se elle se dispuzesse a isso, collocar-se a si proprio á frente de um terceiro partido, pelo menos tão importante como qualquer dos outros. Para contrabalançar a descendencia real d'estes, tinha coragem, actividade e energia, e sobretudo a fanatica dedicação á causa nacional que lhe conquistara o sobrenome de o SAXÃO; e pelo nascimento não era inferior a ninguém, excepto Athelstane e a sua pupilla.

Estas qualidades eram, porém, desacompanhadas da mais leve sombra de interesse pessoal; e em vez de dividir ainda mais a sua nação, já tão enfreqüecida, pela formação de um partido proprio, o ponto principal do plano de Cedric era

extinguir os que já existiam promovendo o casamento de Rowena com Athelstane. Ao seu projecto favorito surgira um obstaculo: a mutua inclinação da sua pupilla e seu filho um para o outro; e fôra essa a causa original que o levava a banir Wilfredo da casa paterna.

Cedric adoptara essa medida severa na esperança de que, durante a ausencia de Wilfredo, Rowena esqueceria a sua inclinação. Mas esta esperança fallhou; e esta decepção pôde em parte ser attribuida ao modo como a sua pupilla fôra educada.

(Continúa.)

Expediente

Prevenimos os nossos assignantes de que já enviamos para as estações competentes os recibos do 2.º semestre do «Povo de Aveiro».

A todos pedimos que satisfaçam a sua assignatura logo que o correio lhes apresente o recibo, para nos evitarem novas despesas que se fazem com a cobrança.

Nas localidades onde o correio não faz cobrança, os nossos assignantes podem enviar a importância da sua assignatura á administração d'este jornal, ou em vale do correio, ou carta registada, deduzindo a importância que gastarem na sua remessa.

Exames para o magisterio primario

Principiaram n'esta semana na Escola Districto d'esta cidade os exames de habilitação para o magisterio primario.

Encomendas postaes para o Brazil

A começar no dia 1 de agosto proximo podem expedir se encomendas postaes de Portugal, Açores e Madeira para as cidades do Rio de Janeiro, Recife e S. Salvador (Bahia). Estas encomendas não devem exceder o peso de 3 kilos cada uma, nem 60 centímetros em qualquer das suas dimensões. Além d'isso, não devem conter substancias explosivas, e certos objectos.

Todas as estações postaes e telegrapho-postaes que permittam encomendas com o interior do paiz estão auctorizadas a receber encomendas para o Brazil.

Novo canhão

Os inglezes acabam de construir um novo canhão, que pesa 890 kilogrammas. O projectil, que é relativamente pequeno, pôde atravessar facilmente uma chapa de aço de 20 centímetros de espessura. É automatico, sendo explosivo empregado a cordite.

Diz-se que esta nova arma é destinada a desempenhar um papel importante na defesa das costas, em caso de qualquer conflicto externo.

Entre pae e filho:

—Sabe porque lhe bati?

—Sei, sim senhor.

—Porque foi então?

—Porque o papá tem mais força do que eu. Ora ahí está.

Papel sellado

Por decreto do ministerio da fazenda, foi declarado que no dia 31 d'este mez cesse a circulação e validade do papel sellado do antigo typo, podendo effectuar-se a troca pelo novo papel, até 16 d'agosto proximo.

Calor

Tem-se sentido n'estes ultimos dias bastante calor.

O caes dos Mercanteis está obstruido de grandes immundicies, que exhalam um cheiro pestilente. Na epoca que vamos atravessando é um perigo para a saúde publica.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

ANNUNCIOS

Bicycletas

Domlugos Lutz Valente d'Almeida, vende e aluga bicycletas da marca «PEGO».

16—Rua da Corredoura—18 AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christó)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, eucadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fastiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exultado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de alubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante comissião.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, ziaco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES AVEIRO

Azeite do Douro BARRA-PHAROL

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vacum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambaia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, aromático, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fitos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vender.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affançar a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22'

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo isto sobrejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêneas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos.